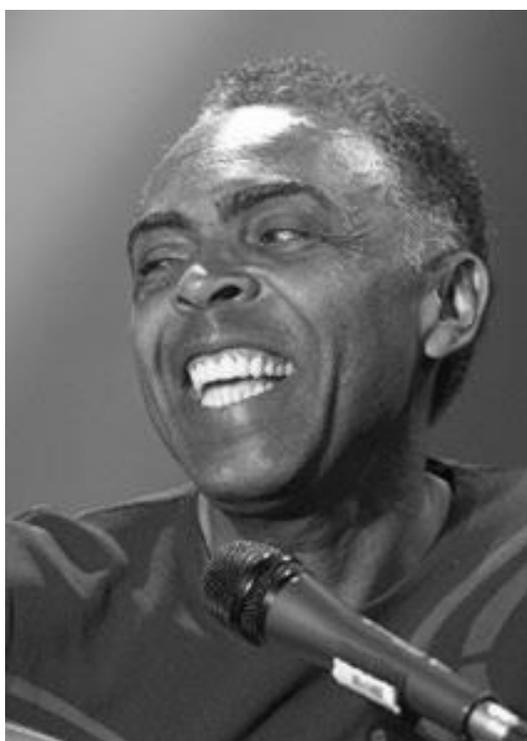




Ano I – Outubro – 2004

A capoeira: ícone da representatividade do Brasil no mundo

Jair Aniceto de Souza



Boa noite a todos e a todas:

Há exatamente um ano, morria em Bagdá um dos maiores militantes e defensores da paz.

Discurso do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, no dia 19 de agosto de 2004, em Genebra – Suíça, reconhecendo a capoeira “como ícone da representatividade do Brasil perante os demais povos”. Na ocasião era homenageado Sérgio Vieira de Mello, brasileiro, embaixador da ONU, que, juntamente com outras 22 pessoas, foi assassinado pelo terrorismo internacional em agosto de 2003. mundial: Sérgio Vieira de Mello. Brasileiro, embaixador da

Gilberto Gil - Ministro da Cultura ONU, cidadão do mundo. Exemplo e essência do que chamamos solidariedade, respeito, coragem e união. Com ele, morreram também outras 22 pessoas, sendo que 18 funcionários da ONU, todos em nome da paz.

Essas mortes fizeram nascer um caminho a ser percorrido em escala mundial: por todos os povos, todos os países e todas as línguas.

Certamente, Vieira foi portador de uma aspiração universal, mas também foi testemunho vivo do espírito da nação brasileira. Uma nação plural, plurirracial e multicultural. Potência pacífica e cordial por natureza, que substitui o desejo de dominação pela vontade de inclusão e convivência.

O Brasil tem hoje papel singular no mundo. Sua grandeza econômica, cultural e ecológica se concretiza como base de sustentação de um projeto pacifista.

Por isso, em apoio ao Programa Mundial das Nações Unidas para o Diálogo entre as Civilizações, o governo brasileiro propõe-se a preparar uma Conferência Internacional Sobre o Diálogo entre as Civilizações.

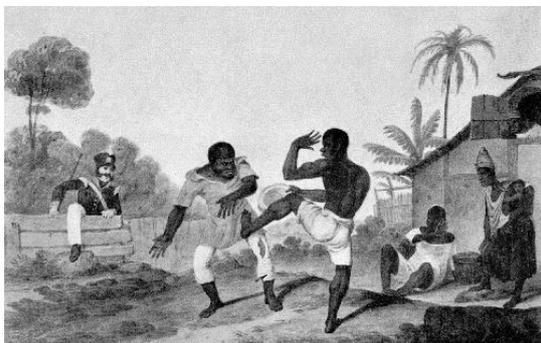
O Brasil está determinado a implementar ações voltadas para a construção da harmonia entre os povos, fortalecendo o papel da diversidade cultural para a prevenção e mediação de conflitos, visando, assim, a construção da paz duradoura.

O nosso país celebra a arte do encontro, da resistência cultural e da fraternidade. É por isso que trago hoje à ONU capoeiristas de todo o mundo para homenagear a Sérgio Vieira e seus companheiros e companheiras. Afinal, ninguém luta só, ninguém dança só.

Capoeira é uma atitude brasileira que reconhece uma história escrita pelo corpo, pelo ritmo e pela imensa natureza libertária do homem frente à intolerância.

Luta e dança e ritmo e vigor físico. Os negros criaram a capoeira tanto para servir ao prazer quanto ao combate. Realizaram, na própria carne, essa imagem da vida, fundamental até hoje.

Os afro-brasileiros souberam transformar a violência em camaradagem, envolvendo dança, ritmo, canto, toque e improvisação.



A capoeira é uma afirmação existencial do povo negro no contexto do escravagismo, do racismo e da dominação presentes em momentos diversos da sociedade brasileira. No jogo de gingas e na mandala da roda de capoeira está a história do povo negro na diáspora.

“Negros brigando nos Brasis” - por

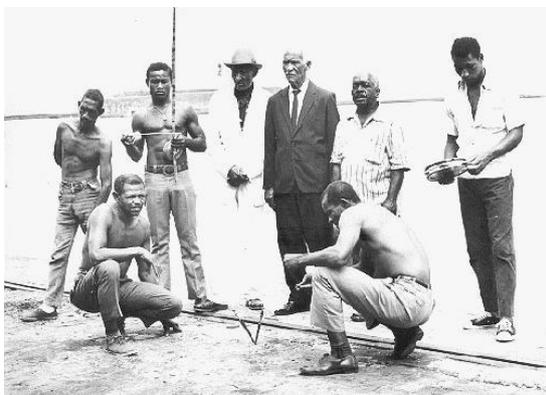
Augustos Earle, entre 1820 – 1824.

O humanismo é a raiz da capoeira. Ela educa, ensina o respeito, dá sentido à mente e ao corpo, cria auto-estima nos seus praticantes dá sentido à vida do seu povo. Os batuques eram a festa dos negros, oportunidades para celebrações de valores culturais trazidos pelos africanos.

Mas não foi fácil para a capoeira colocar o pé no mundo, transformar-se numa arte planetária. Muitas foram as adversidades enfrentadas ao longo da história: preconceitos sociais e raciais, perseguições policiais e rejeição das elites. Os dois grandes ícones da capoeira no Brasil, mestres Bimba e Pastinha, morreram esquecidos e sem reconhecimento. Hoje, alguns mestres até ganham prêmios ou títulos no exterior, mas, no Brasil, não têm nada a receber... muitos encontram-se em situação de carência absoluta.

Têm sido assim as voltas dos capoeiras. Diante dos obstáculos, rodopiam e conseguem, com o gesto rápido, a arte da esquivas e a malícia do golpe não finalizado, girar a roda da vida e do destino.

Sobre(viveram!). O negro se fez capoeira e gingou do jeito que dava pra gingar. Descobriu um modo de ser e com isso nos ensinou a prosseguir. Desviou-se da chibata e aprendeu a contorcer o corpo na luta. Transformou o choque das correntes no balanço dos chocalhos. Engoliu o choro com um canto mais alto. E devolveu em arte e manha o que era sangue e castigo.



Mestre João Pequeno e Mestre João Grande

– do filme “Dança de Guerra”

Os capoeiristas deram a volta por cima. Atualmente, a capoeira já é praticada em mais de 150 países. Nas Américas, no Japão, na China, em Israel, na Coreia, na Austrália, na África e em praticamente toda a Europa. A capoeira disseminou-se pelo mundo com entusiasmo. Mesmo sem falar português, um chinês, um árabe, um judeu ou um americano podem repetir o compasso da mesma música, a arte do mesmo passo e a ginga do mesmo toque.

A diáspora da capoeira no mundo é uma realidade que já conta com o aval de instituições educacionais como a UNICEF, que referenda trabalhos de iniciativas dos capoeiristas brasileiros em vários países. Muitas vezes, esses capoeiras são requisitados para ações de inclusão social de crianças e adolescentes em áreas de risco social (“drops outs”), além de repatriados, vítimas das mazelas da guerra e pessoas portadoras de deficiência física.

Não há mais dúvida que a capoeira é instrumento da socialização e da ressocialização em vários níveis. Ela integra diversas linguagens na sua forma de expressão: é balé, é arte circense, é dança de rua, é ginástica, é canto, é luta, é jogo, é ginga. Ela ajuda na superação dos limites do corpo e da mente; na recuperação das energias após a fadiga; na criação do espírito coletivo de camaradagem pelas artes, manhas e artimanhas do seu jogo de enigmas.

Não poderia ter data mais significativa do que esta um tributo À paz mundial para fazermos uma reparação histórica a esta manifestação dos africanos escravizados no Brasil.

Anunciamos aqui, neste palco da Organização das Nações Unidas, as bases de um futuro Programa Brasileiro e Mundial de Capoeira.

Agora, quem dá a “volta por cima” é o Estado brasileiro, que vem ao mundo reconhecer a capoeira como uma das mais nobres manifestações culturais. O Ministério da Cultura do governo do presidente Lula passa a reconhecer essa prática como um ícone da representatividade do Brasil perante os demais povos.

Realizaremos ainda este ano uma reunião com os capoeiristas brasileiros e estrangeiros para delinear uma grande ação para a capoeira. Queremos ouvir e assimilar as necessidades e demandas dos diversos capoeiristas: do Brasil e do mundo.

Já temos algumas propostas desenhadas. Queremos construir um calendário anual, nacional e internacional da capoeira. Criar um Centro de Referência no Pelourinho, em Salvador, que servirá não só de acervo de pesquisas, livros, adornos e imagens, mas também de espaço para atividades. A Bahia, assim, deve se afirmar como uma espécie de "Meca da capoeira".

Entre as outras medidas previstas, está a criação de um programa a ser implementado em escolas de todo o Brasil pelo nosso

Ministério da Educação considerando, assim, a capoeira como prática cultural e artística, e não apenas como prática desportiva. Também propomos a criação de uma previdência específica para artistas e, dentro desse plano, atenção especial aos capoeiristas.

Pretendemos dar apoio diplomático aos capoeiras que hoje vivem no exterior - que podem ser considerados verdadeiros embaixadores da Cultura Brasileira assim como efetivar o reconhecimento do notório saber dos mestres. Por fim, também lançaremos editais de fomentos para projetos que usam a capoeira como instrumento de cidadania e inclusão social.

Esta é a primeira manifestação do Estado brasileiro em reconhecimento da autenticidade cultural da capoeira. E digo mais: a dificuldade histórica desse reconhecimento pelo Estado se explica justamente pelas origens da capoeira serem parte do contexto sócio-cultural dos negros na sociedade. A capoeira deixa entrever em cada gesto o jogo de lendas e histórias heroicas do martírio do povo negro no Brasil. Chegou o momento de potencializar essa prática cultural milenar, vista apenas como suporte. Que possamos nós, em vez de desapropriar, valorizar essa base cultural imensurável.

Que possamos aprender com a Capoeira que nos mantém íntegros e integrais nessa grande salada global de etnias. Que possamos jogar sem a mancha da submissão. Que possamos gingar para dar o drible no controle que tenta unificar a cultura do mundo pela imposição do único. A capoeira está entre as grandes contribuições do Brasil ao imaginário do mundo. Esta é a prova de que o mar leva... e o mar devolve: saímos dos porões amargurados dos navios negreiros e voltamos consagrados pela fraternidade da arte. Resistência da Capoeira...

Vamos agora iniciar um ritual globalizante, uma reza de todas as línguas: ioruba, chinês, inglês, espanhol, francês, português, o que seja: que venham todas. Faremos, juntos, esta oração da dança e do corpo, do som e da voz.